Considerações sobre educação, linguagem e inteligência artificial

Consideraciones sobre la educación, el lenguaje y la inteligencia artificial

Notes on education, language and artificial intelligence

Fabiane Gaspar e Gisele Sanglard

Resumo: Este informe apresenta dois artigos publicados, na revista *UNESCO Courier,* sobre educação no contexto da inteligência artificial e da aprendizagem de línguas. Discute-se o papel insubstituível da educação frente às tecnologias generativas, bem como a relevância contínua do estudo de idiomas diante de ferramentas de tradução automática. Conclui-se que tanto o pensamento crítico quanto a comunicação intercultural permanecem centrais na formação humana, demandando abordagens pedagógicas que integrem a tecnologia sem substituir dimensões sociais, cognitivas e culturais do aprendizado.

Palavras-chave: UNESCO; revista UNESCO Courier; inteligência artificial; educação; aprendizagem de línguas; pensamento crítico; multilinguismo.

***Resumen**: Este informe presenta dos artículos publicados en la revista UNESCO Courier sobre la educación en el contexto de la inteligencia artificial y el aprendizaje de lenguas. Se analiza el papel insustituible de la educación frente a las tecnologías generativas, así como la relevancia continua del estudio de idiomas ante las herramientas de traducción automática. Se concluye que tanto el pensamiento crítico como la comunicación intercultural siguen siendo centrales en la formación humana, lo que requiere enfoques pedagógicos que integren la tecnología sin reemplazar las dimensiones sociales, cognitivas y culturales del aprendizaje.*

***Palabras clave:** UNESCO; revista UNESCO Courier; inteligencia artificial; educación; aprendizaje de lenguas; pensamiento crítico; multilingüismo.*

***Abstract:** This report presents two articles published in the UNESCO Courier journal on education in the context of artificial intelligence and language learning. It discusses the irreplaceable role of education in the face of generative technologies, as well as the continuing relevance of studying languages amid the rise of automatic translation tools. It concludes that both critical thinking and intercultural communication remain central to human development, requiring pedagogical approaches that integrate technology without replacing the social, cognitive, and cultural dimensions of learning.*

***Keywords:** UNESCO; UNESCO Courier journal; artificial intelligence; education; language learning; critical thinking; multilingualism.*



Fonte: UNESCO/ Sylvie Serprix

A revista *UNESCO Courier* constitui uma das principais publicações institucionais da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), criada em 1948 com o objetivo de difundir debates intelectuais e científicos sobre temas globais relevantes no escopo do mandato da Organização – educação, cultura, ciência e tecnologia. Ao longo de sua trajetória, consolidou-se como espaço de reflexão interdisciplinar, reunindo contribuições de especialistas, pesquisadores e formuladores de políticas públicas. Publicada em todos os idiomas oficiais e com acesso aberto, a revista busca promover valores como diversidade cultural, inclusão, pensamento crítico e cooperação internacional, mantendo alinhamento com a missão da UNESCO de fomentar a paz por meio do conhecimento e do diálogo.

Na contemporaneidade, o *Courier* tem enfatizado temas relacionados à transformação digital e seus impactos sociais, especialmente no campo educacional. A edição de abril de 2026 exemplifica essa orientação ao abordar a emergência da inteligência artificial (IA) e suas implicações para a aprendizagem, a produção de conhecimento e a comunicação humana. Nesse contexto, destacam-se os artigos "Learning to think in the AI era" ("Aprendendo a pensar na era da IA", em tradução livre), de Wayne Holmes, e "Why studying languages still matters" ("Por que estudar idiomas ainda é importante", em tradução livre), de Elba Ramirez, ambos centrados na relação entre tecnologia, educação e desenvolvimento humano.

Aprendendo a pensar na era da Inteligência Artificial

> *Agora, capaz de escrever um relatório ou resolver uma equação complexa, inteligência artificial generativa é vista por alguns como uma ferramenta revolucionária que transformará a forma como aprendemos, enquanto outros temem que poderia nos levar ao declínio cognitivo em gerações futuras. Uma coisa é certa: educação, que também serve para socializar e desenvolver pensamento crítico, continua insubstituível.*
>
> **Wayne Holmes**, Professor de Estudos Críticos da Inteligência Artificial e da Educação na University College London e Titular da Cátedra da UNESCO em Ética da Inteligência Artificial e da Educação (IRCAI)

O artigo de Holmes problematiza a ideia de que a inteligência artificial generativa poderia tornar o aprendizado humano obsoleto. O autor parte de uma perspectiva histórica, lembrando que tecnologias anteriores – como a escrita, os livros e a internet – também suscitaram temores acerca da substituição do aprendizado, sem que isso se concretizasse.

Segundo o autor:

> *A ideia de que as tecnologias emergentes poderiam substituir a aprendizagem não é nova. Na Antiguidade, Sócrates (no "Fédon", de Platão) argumentou contra uma das primeiras tecnologias importantes — a escrita —, que ele via como algo que suplantaria a aprendizagem; em meados do século XVIII, o filósofo do Iluminismo Jean-Jacques Rousseau argumentou que os livros teriam um efeito muito semelhante. Mais recentemente, afirmações semelhantes*

> *foram feitas em relação à internet: por que precisamos aprender se os mecanismos de busca nos dão acesso imediato ao conhecimento mundial por meio de nossos celulares? No entanto, o ensino e a aprendizagem continuaram, mais ou menos, influenciados por essas tecnologias, mas não se tornaram obsoletos por causa delas.*

Conforme argumenta Wayne Holmes, o entusiasmo em torno do potencial educacional da inteligência artificial é amplamente evidenciado por importantes relatórios internacionais. O autor menciona, como exemplos significativos, o documento da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), intitulado *OECD Digital Education Outlook 2026: Exploring Effective Uses of Generative AI in Education*, (Perspectivas da OCDE para Educação Digital 2026. Explorando Usos Efetivos da IA Generativa na Educação, em tradução livre) e o relatório do Banco Mundial, publicado em 2025, *Artificial Intelligence Revolution in Higher Education: What You Need to Know*. (Revolução da Inteligência Artificial na Educação Superior: O que você precisa saber, em tradução livre).

Tais documentos, juntamente com posicionamentos de diversos ministérios da educação, sustentam a ideia de que as tecnologias de IA generativa têm o potencial de transformar o ensino ao automatizar tarefas rotineiras dos docentes, preparar os estudantes para contextos futuros incertos e promover a personalização da aprendizagem — ainda que, conforme ressalta o próprio Holmes, tais promessas devam ser analisadas de forma crítica.

Um aspecto central da argumentação reside na crítica à confiabilidade dos sistemas de IA generativa. Segundo Holmes, esses sistemas produzem textos aparentemente coerentes, mas frequentemente carregados de erros, vieses e informações sem fundamento, em virtude de sua base de treinamento em dados da internet.

Dessa forma, o uso acrítico dessas ferramentas pode comprometer o desenvolvimento cognitivo dos estudantes, tornando necessária a incorporação de competências de verificação e análise crítica. O autor ainda menciona estudos empíricos que sugerem que o uso contínuo de IA pode funcionar como uma “muleta cognitiva”, prejudicando a memória e a aprendizagem de longo prazo (“atrofia cognitiva”).

Professor Holmes argumenta que a incorporação da inteligência artificial generativa no campo educacional levanta uma série de questões críticas que não podem ser negligenciadas. Entre elas, destaca-se a crescente comercialização indireta da educação — tradicionalmente entendida como um bem público — na medida em que sistemas de ensino passam a depender cada vez mais de tecnologias proprietárias.

O autor também chama atenção para os impactos ambientais associados ao uso intensivo de IA, particularmente no que se refere à elevada demanda por energia e recursos hídricos. Além disso, Holmes evidencia uma possível inversão da divisão digital, na qual estudantes de grupos socioeconômicos mais favorecidos continuam a usufruir da mediação docente, enquanto os menos favorecidos tendem a depender, de forma crescente, de soluções tecnológicas.

Nesse contexto, Holmes sustenta de maneira enfática que a aprendizagem continua sendo indispensável. Não apenas os estudantes, mas todos os indivíduos precisam engajar-se no esforço contínuo de aprender. Para o autor, além da aquisição de conhecimentos específicos, torna-se fundamental compreender as limitações estruturais da inteligência artificial, bem como

considerar seus impactos mais amplos sobre os direitos humanos, a justiça social e o meio ambiente. Sobretudo, Holmes reforça que é imprescindível desenvolver a capacidade de pensar de forma crítica, condição essencial para uma relação consciente e responsável com as tecnologias contemporâneas.

Por que estudar idiomas ainda é importante

O artigo *Why studying languages still matters*, de Elba Ramirez, trata sobre o papel da aprendizagem linguística em um contexto marcado pela expansão acelerada das tecnologias de tradução baseadas em inteligência artificial (IA), posicionando-se de forma crítica diante da ideia de que tais tecnologias poderiam tornar o aprendizado de línguas obsoleto.

O texto inicia reconhecendo os avanços significativos das ferramentas de tradução automática, que atualmente permitem comunicações quase instantâneas entre falantes de diferentes idiomas, configurando-se como verdadeiros "intérpretes de bolso". A autora ressalta que tais inovações possuem raízes históricas que remontam às primeiras experiências de tradução automatizada nas décadas de 1950 e 1960, passando pela evolução dos sistemas estatísticos até os atuais modelos baseados em redes neurais. Entretanto, ainda que essas tecnologias se revelem úteis, especialmente em situações práticas como viagens ou interações iniciais, sua eficácia é limitada quando se trata de comunicações complexas ou de alta responsabilidade, como no campo da saúde.

Nesse sentido, Ramirez apresenta evidências empíricas que demonstram a superioridade da tradução humana em contextos críticos, evidenciando que traduções automatizadas podem gerar interpretações equivocadas ou imprecisas, dependendo da língua e da situação comunicativa. Assim, o artigo problematiza a confiança excessiva nas tecnologias digitais, apontando que a mediação humana permanece essencial para garantir precisão, sensibilidade cultural e segurança comunicativa.

Do ponto de vista pedagógico, a autora propõe uma abordagem inovadora no uso da inteligência artificial no ensino de línguas. Em vez de proibir ou desencorajar seu uso, sugere incorporá-la de forma crítica e reflexiva, estimulando os estudantes a utilizarem essas ferramentas como apoio, e não como substituição do processo de aprendizagem.

Ao relatar sua experiência como professora sênior de idiomas e líder de programas em estudos internacionais na School of Social Sciences and Public Policy da Auckland University of Technology, na Nova Zelândia, Ramirez destaca a importância de práticas como a produção inicial autônoma de textos, seguida da análise comparativa com traduções geradas por IA, promovendo assim o desenvolvimento de competências críticas.

"Eu encorajo meus alunos a usar IA como um apoio, não como um substituto", assim Ramirez sintetiza sua perspectiva pedagógica centrada na autonomia do aprendiz e no uso consciente da tecnologia.

Outro ponto central da argumentação reside na concepção ampliada de linguagem adotada por Ramirez. Para além de um sistema de codificação e decodificação de mensagens, a linguagem é apresentada como prática social e cultural, responsável pela construção de significados compartilhados. A autora enfatiza que a comunicação humana envolve nuances como entonação, gestos, contextos culturais e relações interpessoais, elementos que escapam às capacidades das tecnologias automatizadas. Dessa forma, ainda que a IA facilite a circulação

de informações, não é capaz de substituir a experiência relacional e intercultural que caracteriza a comunicação humana.

Essa perspectiva é reforçada quando Ramirez aborda a dimensão ética e cultural do multilinguismo. As línguas são entendidas como patrimônios culturais que carregam histórias, valores e formas de ver o mundo. Nesse contexto, o aprendizado de idiomas contribui não apenas para a comunicação, mas também para o desenvolvimento da empatia, da participação social e da cidadania global. A autora também alerta para o risco de exclusão digital de línguas minoritárias, ressaltando que a maioria dos idiomas do mundo permanece sub-representada nas plataformas tecnológicas contemporâneas.

Por fim, a autora conclui que, em um mundo cada vez mais orientado pela velocidade e pela eficiência tecnológica, a aprendizagem de línguas representa uma forma de resistência humanizadora, ao preservar a centralidade das relações interpessoais e da construção conjunta de significados. A comunicação, segundo sua visão, não se reduz à transmissão de informações, mas constitui um processo dinâmico de interação e negociação de sentidos. Nesse sentido, o estudo de línguas permanece essencial, não apenas como competência instrumental, mas como prática formativa que fortalece a compreensão intercultural e a convivência em sociedades diversas.

Professora Elba Ramirez oferece uma contribuição relevante ao debate contemporâneo sobre educação e tecnologia, ao defender que a inteligência artificial, embora útil, não substitui as dimensões humanas fundamentais da linguagem. Sua análise reforça a necessidade de abordagens pedagógicas que integrem criticamente as tecnologias digitais, preservando, simultaneamente, o valor formativo, social e cultural da aprendizagem linguística.

Considerações finais

Em síntese, ambos os artigos convergem na defesa de uma concepção humanista da educação, na qual a tecnologia deve atuar como ferramenta de apoio, e não como substituta das capacidades humanas. Enquanto Holmes destaca a centralidade do pensamento crítico frente à IA, Ramirez enfatiza a importância da comunicação intercultural e da aprendizagem linguística como práticas fundamentais para a construção de relações sociais significativas. Assim, os textos analisados contribuem para a compreensão dos desafios contemporâneos da educação, apontando para a necessidade de integrar inovação tecnológica com valores humanísticos.

Referências

HOLMES, Wayne. Learning to think in the AI era. *UNESCO Courier*, 2 abr. 2026. Disponível em: https://courier.unesco.org/en/articles/learning-think-ai-era. Acesso em: 22 jun. 2026.

RAMIREZ, Elba. Why studying languages still matters. *UNESCO Courier*, 2 abr. 2026. Disponível em: https://courier.unesco.org/en/articles/why-studying-languages-still-matters. Acesso em: 22 jun. 2026.

UNESCO. *The UNESCO Courier*. Disponível em: https://courier.unesco.org. Acesso em: 22 jun. 2026.